
Breve Ensaio sobre as Razões do Tempo

A BRIEF TEST ON THE REASONS OF TIME

Roberto de Oliveira Loureiro*

*Roberto de Oliveira Loureiro Prof. Doutor em Ciências Sociais, Mestre (*Stricto Sensu*) em Administração de Recursos Humanos, Pós-Graduado em Marketing, Bacharel em Administração de Empresas com Especialização em Pedagogia. Professor da Universidade Santa Cecília - Grupo Educacional Hotec, Faculdades Oswaldo Cruz, Faculdades Integradas Campos Salles, Madia Marketing School, entre outras. Autor dos vídeos “Endomarketing” (LinkQuality) e “Endomarketing Como Uma Estratégia de Gestão” (DTCOM), além de artigos sobre Gestão, Treinamento e Desenvolvimento, Trabalho em Equipe, Educação, Liderança e a prática do Ócio Criativo. E-Mail para contato: robertoloureiro@uol.com.br. São Paulo. 2017.

RESUMO

O tempo é um recurso imaterial, finito e limitado por natureza. Embora gratuito não deve ser desperdiçado. Sua fluidez não permite controle, ao mesmo tempo em que se constitui nossa principal fonte de matéria prima. Ao nascer, cada ser humano traz uma determinada quantidade de bônus expresso na forma de horas. Essa carga horária será utilizada ao longo de sua existência. A trilha termina quando se esgota a quantidade de bônus recebida, ocorrendo assim o fim de nossa existência. Portanto, racionalmente escolhas devem ser feitas. Se o tempo passado somente poderá ser revisitado na forma de uma lembrança armazenada em nossa memória sensorial, o tempo futuro é uma absoluta incógnita. Na verdade, o futuro é o passado que ainda não passou. Ao mesmo tempo em que o mundo moderno reverencia um culto exagerado pela velocidade, também é verdade que esse mesmo mundo exprime uma neurótica obsessão pelo novo. O equilíbrio está em saber conciliar essas duas variáveis. E as novas gerações cobrarão esse equilíbrio.

Palavras-Chave: Tempo, Vida, Mudanças, Recursos, Equilíbrio.

ABSTRACT

Time is a naturally immaterial, finite and limited resource. Although free, it should not be wasted. Its fluidity does not allow control, at the same time that it becomes a new main source of raw material. At birth, each human being brings a certain amount of bonus expressed in number of hours. This time load will be used throughout their

existence. The track ends when the amount of bonus received is exhausted, thus bringing about the end of our existence. Therefore, choices must be made rationally, if the time spent can only be visited in the form of unknown. In fact, the future is the past that has not elapsed yet. At the same time the modern world worships an exaggerated cult for speed, it is also true that this very world expresses a neurotic obsession with the new. The balance lies in knowing how to reconcile these two variables. And the new generations will search for this balance.

Keywords: Time, Life, Changes, Resources, Balance.

“Antes dos relógios existirem, todos tinham tempo.

Hoje, todos têm relógios”.

Eno Theodoro Anke.

INTRODUÇÃO

O tempo impõe limites e condiciona nossos comportamentos. Sobre o tempo, há infinitas perspectivas de análise. Nosso tempo cronológico é inexorável, nebuloso e finito. O segredo sobre a essência do tempo, pelo fato de não poder dominá-lo, provoca certo pavor e ao mesmo tempo nos magnetiza. O tempo é, em essência, um bem de natureza abstrata. Por conta disso pode atear produtivas e interessantes discussões, além de opiniões divergentes. Estabelecer um denominador comum a todas as variáveis que envolvem o tempo, e chegar a um consenso sobre seus pressupostos que possa contemplar todos os seres humanos, é tarefa árdua. Por isso, contextualizar questões relacionadas ao tempo é uma tarefa encantadora, desafiadora e simultaneamente instigante, pois causa certo furor, além de gerar uma agonia que persiste em nos acompanhar. É antiga, equivocada e inócua a tentativa do ser humano de desvendar os *mistérios* do tempo e pretender, de forma quase que absoluta, exercer sobre ele alguma forma de controle.

O homem sempre desejou capturar o tempo, como se ele se deixasse dominar. Há quem abdica do termo dominar o tempo. Em seu lugar assume a terminologia administrar. A pirotecnia semântica pode ser aconchegante, mas não ameniza o problema em questão. Dois são basicamente os pilares que sustentam a tese do homem buscar e garantir a total previsibilidade dos fatos que dão origem a sua natureza. O primeiro é a incansável busca e a garantia do previsível, dentro da imprevisibilidade. Trata-se de algo muito difícil, senão impossível de ocorrer. O tempo, fugaz por natureza, escapa da plenitude da racionalidade humana e segue

seu curso. O segundo pilar está associado à resposta das demandas do mundo atual, obtendo-se assim a eficácia máxima dos eventos pessoais.

Ao se atribuir um encanto na contextualização do tempo, a mesma tarefa exige parcimônia. Parece mais prudente acreditar na sua fluidez. Soa também com certa dose de prepotência e arrogância exercitar uma pseudos ideia de controle sobre o tempo. Tempo não se controla, simplesmente é absorvido na forma de vida. O tempo está circunscrito a uma abrangência matemática. É singular e determinado para todas as pessoas. Cada hora possui seus padronizados 60 minutos e um dia possui 24 horas. É sobre esta lógica matemática que a vida é estruturada. E sobre esse espectro, o tempo desencadeia, em cada ser humano, reações muito particulares marcadas por ações originais e únicas dependendo das prioridades individuais e das razões que o sujeito projeta para si mesmo, além da sua própria concepção de mundo. Cada pessoa, à luz do seu juízo, arbitra suas decisões. O processo de senescência também é individual.

Profanar o tempo é um erro capital da espécie humana. Apenas para substanciar este raciocínio com um exemplo, o ambiente educacional, de uma forma geral, ressent-se disso. Estudo realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), entidade fundada em 14 de dezembro de 1961, e com sede em Paris, apontou que mediante pesquisa realizada com professores de 33 países, ao longo do ano de 2013, o Brasil ocupa uma posição pouco confortável no *ranking* mundial. Os dados dão conta que no Brasil, um professor consome, em média, 20% do tempo de aula para eliminar problemas de comportamento e colocar ordem na sala, 13% do tempo resolvendo problemas de natureza burocrática e apenas 67% ministrando o devido conteúdo.

O Brasil é o país onde o professor mais perde tempo de aula. Se, no Brasil, a média para se acabar com a bagunça é de 20%, nos países da OCDE a média é de 13%. É um valor muito significativo. Ao imaginarmos uma Instituição de Ensino que, obedecendo a uma carga horária mínima, estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que é de quatro horas/aula diárias de atividade, ou 800 horas distribuídas em 200 dias letivos, caso os professores dessa escola utilizem 20% dessas quatro horas diárias colocando ordem na sala de aula, serão 48 minutos desperdiçados por dia. Restam apenas 3 horas e 12 minutos para o conteúdo.

Tornando o raciocínio ainda mais cruel, afirma a pesquisa, ao multiplicarmos os 48 minutos gastos diariamente, com os problemas disciplinares observados na sala de aula, pelos 200 dias letivos do ano, atingiremos a desagradável marca de 160 horas. São 160 horas a menos de conteúdo por ano. Se já não bastasse a tendência escolar de burocratizar o conhecimento, tudo isso parece ser pouca coisa quando os números são interpretados por abstração.

O fato objetivo é que a perda (ou o não aproveitamento) de todo este tempo, aliada ao tradicional e desgastado modelo educacional, sinalizam um perigoso declínio cultural para uma sociedade carente de transformação. O educador Paulo Freire possui a crença de que a educação pode não ter o poder de transformar a sociedade, tampouco, sem ela, a sociedade não se vê transformada. O desperdício de tempo apresentado nessa pesquisa revela uma marca nociva que transita no sistema educacional ainda vigente. Precisa urgentemente ser exorcizada uma vez que não agrega valor nenhum aos públicos envolvidos, além da própria sociedade.

É igualmente necessário desconstruir mitos perniciosos sobre outras questões relacionadas ao tempo - a relação que as pessoas têm com o trabalho - por exemplo, uma vez que dedicamos uma expressiva quantidade de tempo de nossas vidas trabalhando. Paradoxalmente, enquanto que atividades tradicionais presenciais de cunho acadêmico apresentam um alto grau de dispersão, conforme explicitado nos números da pesquisa já citada, numa simples consulta ao *Google*, obtemos respostas às nossas demandas num intervalo de tempo bastante curto. Isto explica um pouco o acelerado crescimento dos mecanismos voltados à Educação à Distância (EAD), sem ter aqui a pretensão expressar nenhum julgamento de valor a respeito dessa modalidade de ensino.

Com efeito, a professora da Universidade de Genebra, fundadora em parceria com Paulo Freire, do Instituto de Ação Cultural, do Centro de Liderança da Mulher, além de outras atividades acadêmicas e culturais - Rosiska Darcy de Oliveira – decifra e promove outras reflexões sobre a importância e utilização do tempo. Oliveira (2003), afirma que, no passado, a expressão ganhar a vida significava garantir a sobrevivência, angariando certo rendimento, via de regra, marcado por uma conotação monetária, enquanto que hoje, como que para exultar nosso espírito,

a mesma expressão, significa, acima de tudo, reapropriarmos de nossa principal matéria-prima: *o tempo*.

Conforme também já mencionado, ao nascer, cada pessoa traz uma determinada quantidade de bônus exposto na forma de horas. Essa carga horária será utilizada ao longo de sua existência. Assim, a expressão de cunho popular que diz *gozar a vida* nos remete àquele que melhor se apropria e desfruta do seu tempo, à luz das prioridades definidas e das respectivas escolhas feitas.

Seguindo a mesma linha de raciocínio sobre o tema, de forma contundente, Honoré traz a seguinte contribuição:

Mais ou menos na mesma época em que Taylor calculava quantos centésimos de segundo eram necessários para trocar uma lâmpada, Henry Olerich publicava um romance intitulado A Cityless and Countryless, descrevendo uma civilização marciana na qual o tempo é tão precioso que foi transformado em moeda. (Honoré, 2007, p. 41).

No romance de Olerich, tempo e vida se mesclam, misturam e se fundem num único todo. Corroborando com Oliveira e Honoré, Grün e Assländer (2010), refletindo sobre a espiritualidade do tempo, chamam a atenção para o fato de que o tempo, mesmo que de forma inconsciente, determina quase todos os aspectos de nossa vida. Coaduno com a colocação dos autores sem antes, porém, subtrair da mesma a expressão *quase*. A vida só acontece no tempo que a nós é atribuído. Assim, está presente e fica implícito o conceito da integralidade (do tempo como um todo), não só da parte isolada (um recorte desse tempo). Os opostos – todo e parte / parte e todo – não são eventos excludentes; ao contrário, tranquilamente se unem e acabam necessariamente se interligando e complementando.

Se considerarmos o pensamento vigente que se propaga e admitirmos o pressuposto que ninguém voltará a viver o minuto que passou, é fato incontestável que a concepção sobre o minuto futuro é envolvido por uma absoluta incógnita. Projeta-se então o entendimento de que o tempo passado poderá ser visitado apenas na forma de lembrança; lembrança esta que é armazenada na forma de memória sensorial condicionada em nosso cérebro.

Da mesma forma, como o minuto seguinte ainda não foi vivenciado, pois é um fruto de um processo de intuição ou de uma expectativa a ser concretizada, a vida (conscientemente ou não), só se estabelece no momento presente. Claro que há um fio condutor que resgata fragmentos do passado conectando-o com fatos do presente. O resultado é a formação de um todo único e indissociável. Como afirma Pascal “não posso compreender o todo se não conhecemos as partes e não podemos compreender as partes se não conhecemos o todo”. E esse mosaico é particular a cada indivíduo.

Cyrulnik (2012), cita Paul Valéry que defendia a tese que a ordem e a desordem eram os dois maiores perigos que ameaçavam o homem. Num breve recorte da obra de Cyrulnik e Morin, fica clara a ideia de que para compreender a realidade do humano, é insuficiente o estudo somente das partes isoladas do todo. O próprio conceito de sinergia sugere a tese de que o todo é mais do que a soma das partes, e o pensamento complexo visa efetivamente dar a consciência daquilo que une, daquilo que conecta, daquilo que liga as coisas umas as outras. As experiências vividas e passadas pelos seres humanos ficam impregnadas e se apresentam como cicatrizes em nossa mente. Assim, a mente humana é um *habitat* propício para a hospedagem de nossas lembranças.

É sempre uma aflição falar do tempo. Para alguns administradores de empresas, executivos e os chamados “homens de negócios”, o assunto provoca um abominável sentimento de impotência. É razoável admitir então que falar sobre o tempo causa medo. E o medo faz com que nossa mente fique trancada, inibe a socialização humana e nos acovarda sobre novas descobertas. Na obra Cegueira Moral (2014), com originalidade - e como um diálogo epistolar entre amigos - o medo é conjuntamente analisado por Bauman e Donskis. Ambos cumulam considerações pertinentes.

Bauman constrói a seguinte análise sobre o medo:

Existem, e sempre existiram em todas as épocas, três razões para se ter medo. Uma delas era (é e continuará a ser) a ignorância: não saber o que vai acontecer em seguida, o quanto somos vulneráveis a infortúnios, que tipo de infortúnios serão esses e de onde provêm. A segunda era (é e continuará a ser) a impotência: suspeita-se que não há nada ou quase nada a fazer para evitar um infortúnio ou se desviar dele, quando vier. A terceira era (é e continuar a ser) a

humilhação, um derivado das outras duas: a ameaça apavorante à nossa autoestima e autoconfiança quando se revela que não fizemos tudo que poderia ser feito, que nossa própria desatenção aos sinais, nossa indevida procrastinação, preguiça ou falta de vontade são em grande parte responsáveis pela devastação causada pelo infortúnio. Como é totalmente improvável que se venha a atingir o conhecimento pleno do que está por vir, e como as ferramentas disponíveis para prevenir essa chegada dificilmente podem ser consideradas seguras, certo grau de ignorância e impotência tende a acompanhar os seres humanos em todos os seus empreendimentos. Falando claramente, o medo veio para ficar. (Bauman; Donskis, 2014 p. 118).

Ciente dos efeitos do medo, de antemão a explicação mais razoável é que, enquanto sobre o tempo refletimos, pulsa uma incomoda sensação que nosso bônus vital, fica cada vez mais exíguo. Pedra angular do imaginário humano, o tempo se apresenta como inatismo, justamente por representar uma sucessão de eventos aparentemente independentes. Tal concepção não deixa de se caracterizar uma errática ilusão de ótica, uma abordagem míope, obtusa, uma vez que os eventos da vida (enquanto há vida) estão todos devidamente conectados. E o produto dessa conexão estabelece um elo que une, se estrutura e livremente se entrelaça.

O resultado é uma simbiose, ou seja, a construção de uma interdependência entre os fatos do passado e do presente e que dispara no ser humano uma sustentação psicológica, não para exercer um desejável domínio sobre o futuro, mas sim na tentativa de poder planejá-lo. Morace estabelece um ponto de convergência nesta análise ao afirmar:

Se o futuro é o tempo do ser humano, é necessário identificar quais são os cinco pilares que sustentam a sua construção: previsão, escolha, decisão, responsabilidade e coragem. Como sabemos, a capacidade de escolha é prerrogativa essencialmente humana, juntamente com a necessidade de decidir, que se torna frequentemente a justificativa prática da previsão e assume forma no horizonte moral da responsabilidade. Em outras palavras, sem futuro não existe horizonte moral. As idéias morais são as forças que moldaram e continuam a moldar com coragem o destino e o futuro da humanidade. [...] Pensar sobre o futuro corresponde, portanto, a mais humana das atividades possíveis e implica um desafio permanente inerente ao destino de seres pensantes. Significa a transferência de visão de mundo para os filhos e netos, para as gerações que se seguem, não se valendo apenas das regras do instinto ou da

tradição, mas apostando suas próprias cartas na possibilidade de construção da realidade e do futuro. [...] A descoberta do futuro ocorre através de outra característica extraordinariamente humana que, muitas vezes, consideramos natural, mas que não é: a reflexão imaginativa. (Morace, 2013, p. 18, 19, 22 e 23).

Morin manifesta diversas advertências. Seus alertas não só não são efêmeros como também não possuem prazo de validade. Sobre a concepção simplista, Morin afirma que:

A concepção simplista acredita que passado e presente são conhecidos, que os fatores de evolução são conhecidos, que a causalidade é linear, e, por conseguinte, que o futuro pode ser predito. De fato sempre existe um jogo retroativo entre presente e passado, no qual não somente o passado contribui para o conhecimento do presente, o que é evidente, mas igualmente no qual as experiências do presente contribuem para o conhecimento do passado e, por meio disso, transformam-no. (Morin, 2010, p. 11 e 12).

Enquanto há vida, há tempo. A recíproca é verdadeira. Filosoficamente poder-se-ia então afirmar que a vida caracteriza-se como a arte de fazer escolhas para ocupar os chamados “espaços vazios” de tempo que a vida nos oferece.

Entre pesquisadores do tema percebe-se a existência de discussões que se difundem, como que estabelecendo relações entre o singular e o plural. Nesse sentido, ecoa entre os neurocientistas uma pertinente preocupação. Alguns desses profissionais apresentam uma exagerada cautela e discernimento quando o assunto é a prática de múltiplas tarefas simultaneamente. Segundo pesquisa realizada por Jason Watson, apenas 2,5% da população possui um cérebro superadaptado à chamada multifunção. A ciência tenta desvendar este enigma.

A verdade, segundo Watson, é que o cérebro humano vive um eterno dilema entre a estabilidade e a plasticidade. Talvez os supercumpridores de tarefas, os chamados *supertaskers*, tenham desenvolvido uma hipereficiência nessa área da simultaneidade à custa de outras habilidades de processamento. O professor afirma que a vida moderna – que exige o cumprimento de múltiplas funções – pode estar remodelando o cérebro humano. No futuro, quem sabe, todos nós seremos *supertaskers*, realizando assim a suprema ambição humana: dirigir um automóvel,

tomar um café, ouvir música e enviar uma mensagem de texto ou áudio via *whatsApp* no celular. Não estou convencido de que a realização de multitarefas atribua às pessoas mais felicidade.

Se considerarmos o imperativo tecnológico que nos acompanha já há algum tempo e por conta disso o significativo avanço da tecnologia e o barateamento dos preços de equipamentos que promovem uma maior comunicação social, o senso de urgência que contamina grande parte das pessoas, percebe-se que a sociedade moderna dá sinais que esse futuro não esteja tão distante assim. Basta observar os chamados nativos digitais. A impressão que fica é a de que esse futuro não está longe se de tornar realidade. Aliás, ao contrário, há indícios que esse futuro está sendo cada vez mais abreviado.

Morace (2013), afirma que a pesquisa neurológica está mostrando de fato que a relação entre memória e imaginação do futuro é sempre mais estreita. Corroborando e sendo corroborado por Morace, Goleman complementa a análise sobre a multitarefa. Goleman apresenta o seguinte argumento:

Os adolescentes, a vanguarda do nosso futuro, são o epicentro. No começo desta década, a contagem de mensagens de texto mensais disparou para 3.417, o dobro do número de apenas poucos anos atrás. Enquanto isso, o tempo que passam ao telefone caiu. O adolescente médio americano recebe e envia mais de cem mensagens de texto por dia, cerca de dez a cada hora acordado. Já vi um garoto escrevendo uma mensagem enquanto andava de bicicleta. (Goleman, 2014, p. 13).

A constatação de Goleman faz conexão com a previsão estabelecida por Watson. Na realidade o problema central não é o tempo, mas a sobrecarga de episódios aos quais somos permanentemente confrontados pelo mundo atual. Os episódios cresceram a níveis exponenciais, já a dimensão e o limite do tempo permaneceram constante, inalterado. Outra forma de analisar o fenômeno é a de que muitos desses episódios não são, nem devidamente filtrados e nem recebem uma reflexão mais acurada pelo indivíduo, uma vez que não há *tempo* de processá-los adequadamente e não são absorvidos de forma adequada. São ocorrências que parecem não ficar devidamente impregnadas na memória humana, pois sua assimilação, codificação e entendimento são, em muitas ocasiões, tênues e

superficiais. Não raro, episódios não conscientes, causam uma sutil impotência e provocam uma incomoda sensação de desconforto.

Além do sentimento de desconforto quanto às mudanças, também é angustiante a falta de lucidez e a consciência do que mudou. Berger e Luckmann ampliam esta reflexão e descrevem um relato que, pela sua proeminência, vale à pena uma reflexão:

O mundo da vida cotidiana é estruturado espacial e temporalmente. [...] A temporalidade é uma propriedade intrínseca da consciência. A corrente de consciência é sempre ordenada temporalmente. É possível estabelecer diferenças entre níveis distintos desta temporalidade, uma vez que nos é acessível intrassubjetivamente. Todo indivíduo tem consciência do fluxo interior do tempo, que por sua vez se funda nos ritmos fisiológicos do organismo, embora não se identifique com estes. [...] O mundo da vida cotidiana tem seu próprio padrão do tempo, que é acessível intersubjetivamente. O tempo padrão pode ser compreendido como a intersecção entre o tempo cósmico e seu calendário socialmente estabelecido, baseado nas sequências temporais da natureza, por um lado, e o tempo interior por outro lado. [...] O tempo que encontro na realidade diária é contínuo e finito. (Berger; Luckmann, 2014, p. 43 e 44).

Sobre a consciência humana há uma infinidade de estudos. Trata-se de um tema amplo e que ainda permite uma demanda de pesquisa bastante intensa. Não existe uma verdade única estabelecida entre os autores. Há ainda muito a ser desvendado sobre este importante ponto da natureza humana. Com o objetivo de ampliar o escopo sobre a consciência e a subjetividade, Damásio apresenta uma análise mais aprofundada sobre estes dois conceitos:

A consciência não se resume a imagens na mente. Ela é, no mínimo, uma organização de conteúdos mentais, centrada no organismo que produz e motiva esses conteúdos. Mas a consciência é mais do que uma mente organizada sob a influência de um organismo vivo e atuante. É também uma mente capaz de ter noção de que esse organismo vivo e atuante existe. [...] A mera presença de imagens organizadas transitando em um fluxo mental produz uma mente, porém, a menos que algum processo suplementar seja adicionado, a mente permanece inconsciente. [...] O que o cérebro precisa para se tornar consciente é adquirir uma nova propriedade, a subjetividade, e uma característica definidora da subjetividade é o sentimento que impregna as imagens que experienciamos subjetivamente. (Damásio, 2011, p.23 e 24).

A grande questão que se apresenta é: qual o ganho que a vivência por múltiplas tarefas poderá trazer ao ser humano caso não exista um processo de consciência? Sem a consciência, a sensação que fica é que o ser humano não se apropria plenamente do tempo que lhe foi atribuído, tornando a vida sem sentido. E se a vida fica sem sentido, é razoável admitir que tudo o que dela provém também o será.

Damásio apresenta uma informação prescritiva e consoladora:

Felizmente é pequena a lista de condições neurológicas em que a consciência se vê comprometida: o coma e os estados vegetativos, certos tipos de estado epiléptico e os chamados estados de mutismo acinético que podem ser causados por acidente vascular cerebral, tumores e doença de Alzheimer em fase avançada. (Damásio, 2011, p. 281).

De qualquer forma cabe ao ser humano fazer escolhas. Escolhas necessariamente devem ser feitas para, não só sequenciar como também para oferecer movimento à vida. É no tempo que a vida acontece, se materializa e permanentemente é transformada. Bauman (2007) afirma que a vida numa sociedade líquido-moderna não pode ficar parada. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo.

Ao estabelecer uma estratégia promissora e não menos instigante, Bauman, assim define vida líquida, na qual:

A “vida líquida” é uma forma de vida que tende a ser levada a frente numa sociedade líquido-moderna. “Líquido-moderna” é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. [...] Por essa razão, aprender com a experiência a fim de se basear em estratégias e movimentos táticos empregados com sucesso no passado é pouco recomendável: testes anteriores não podem dar conta das rápidas e quase sempre imprevisas (talvez imprevisíveis) mudanças de circunstâncias. Prever tendências futuras a partir de eventos passados torna-se cada dia mais arriscado e, frequentemente enganoso. (Bauman, 2007, p. 7 e 8).

A análise proposta por Bauman auxilia nosso entendimento quanto à sensação de desconforto e da impotência que cada vez mais sentimos em relação à velocidade com que presenciamos as mudanças que estão ocorrendo. Mudanças essas que são observadas na tecnologia, nas comunidades, nas organizações, enfim, na sociedade em geral. O ciclo de tempo em que as mudanças ocorrem está se tornando cada vez menor. Há uma vocação exagerada pelo consumo e pelo rápido descarte. Tudo isso desvia nosso sentido daquilo que é verdadeiramente importante. Os subsídios dessa análise explicam a contemporânea e indômita aflição humana. Giannetti enfatiza que:

O fato espantoso é que, apesar de toda a pretensa valorização da razão fria e de uma postura de completa objetividade diante das coisas, o ideal moderno é viver sob o mais metódico e fantasioso escapismo. É viver como se a morte não nos dissesse respeito. No ambiente moderno, secularizado e tecnicamente aparelhado, a experiência do “morrer antes de morrer”- a elaboração subjetiva e madura da inevitabilidade da própria morte - foi estigmatizada como uma espécie de anomalia ou morbidez a ser banida do campo da atenção consciente... O homem moderno cruza velozmente os ares, mas não mira o cosmos. (Giannetti, 2005, p. 127).

O mundo moderno reverencia um culto exagerado pela velocidade. Os administradores são mais suscetíveis às rápidas mudanças do mundo moderno. Os historiadores nem tanto. De qualquer forma, convivemos com rápidas mudanças e cotidianamente presenciamos um intenso descarte de quase tudo que nos envolve. O ciclo de vida dos produtos e serviços está cada vez menor. Produtos e serviços ficam rapidamente obsoletos. Com todo o suporte tecnológico que hoje o ser humano dispõe, mesmo assim, paradoxalmente, há muitas alegações sobre a falta de tempo.

Ao sugerir falta de tempo, esta lamentação caracteriza-se como uma conquista, ganha certo *status* que muitos procuram obter para que possam se sentir importantes. Ao vivenciar, mesmo que forma sazonal e esporádica, momentos do chamado tempo livre, o ser humano parece entediarse com esta situação, pois a mesma é percebida como sinal de impotência, de incompetência.

O mundo moderno exprime uma neurótica obsessão pelo novo. Há uma forte idolatria sobre o futuro em detrimento de uma serena apropriação pelos fatos presentes. Agindo assim, o supérfluo acaba competindo, às vezes se igualando e outras fazendo frente, com aquilo que é, de fato, importante. Se desejarmos ter um sentido na vida, estas posturas necessitam de um repensar urgente. O'rin afirma que “por sacrificarmos tanto o essencial em nome da urgência, acabamos por esquecer a urgência do essencial”. Sennett faz o seguinte comentário sobre essa neurose comportamental à qual somos vítimas como também das questões éticas que cercam o indivíduo na sociedade complexa em que vivemos:

Um dos motivos para essa superficialidade degradante é a desorganização do tempo. A seta do tempo se partiu; não tem trajetória numa economia política continuamente replanejada, que detesta a rotina, e de curto prazo. As pessoas sentem falta de relações humanas constantes e objetivos duráveis. (Sennett, 2005, p. 117).

Sobre o tema consciência, Damásio faz a seguinte consideração:

Administrar e preservar eficientemente a vida são duas das proezas reconhecíveis da consciência. Pacientes neurológicos cuja consciência está comprometida são incapazes de gerir sua vida independente, mesmo quando suas funções vitais básicas estão normais. No entanto, mecanismos para administrar e preservar a vida não são novidade na evolução biológica, e também não dependem necessariamente da consciência. (Damásio, 2011, p. 41).

É possível perceber que paira algum equívoco na consciência do mundo moderno. O senso comum acredita o tempo caminha sempre para frente. Se partirmos da premissa que ao nascermos somos contemplados com uma quantidade de bônus temporal, é verdade também que imediatamente após o nascimento, nosso relógio biológico começa um caminho retroativo, contrário.

A trilha percorrida pelo tempo é inversa ao que supostamente imaginamos. A trilha termina quando se esgota a quantidade de bônus recebida. Dá-se assim o fim da nossa existência. Este conceito apresentado sobre o tempo é similar a uma quantidade de créditos que abastecemos num aparelho celular, por exemplo. Os créditos vão minguando a cada uso do aparelho até a sua total extinção.

Diferentemente com o que acontece com o aparelho celular, com o tempo a situação é diferente.

Giannetti (2005) afirma que “o que não vive, é certo, não morre” e sustenta sua argumentação com a seguinte citação:

*A vida é um intervalo finito de duração indefinida. [...] O futuro nos interroga. A vida é breve, os dias se devoram e nossas capacidades são limitadas. A cada passo da jornada, com maior ou menor ciência e grau de deliberação, escolhas **tem** de ser feitas. [...] O que valeria a pena escolher – por “mais vida em nossos anos” ou (quiçá) “mais anos em nossas vidas? (Giannetti, 2005, p.. 21).*

O objetivo deste ensaio não foi outro senão chamar a atenção que o tempo, recurso imaterial, finito e limitado, assume um duplo atributo. Da mesma forma que não se apresenta igual no seu aspecto quantitativo para todas as pessoas, oferece a oportunidade para que cada um, dentro da quantidade que lhe foi confiada, possa fazer dele o uso que bem desejar, conferindo assim, independente do aspecto quantitativo, uma inequívoca marca qualitativa pessoal única e intransferível.

Ulrich e Ulrich afirmam que:

Os serem humanos são máquinas de criar significado que encontram valor inerente em entender a vida. O significado que tiramos de uma experiência determina o seu impacto sobre nós e pode transformar o desastre em oportunidade, a perda em esperança, o fracasso em aprendizado, o tédio em reflexão. O significado que criamos pode fazer a vida parecer rica e plena, independentemente de nossas circunstâncias externas. Quando encontramos significado em nosso trabalho, encontramos significado na vida. (Ulrich; Ulrich, 2011, p. 22 e 23).

Ulrich e Ulrich também compactuam a ideia de que os seres humanos são criativos por natureza. Segundo Ulrich; Ulrich (2011) os seres humanos são criadores de significado que encontram valor inerente em criar sentido na vida. Além do valor inerente, o significado tem valor de mercado no mundo do trabalho. Fazer sentido gera centavos, ou seja, gera lucro.

Nota-se, na reflexão acima, uma íntima relação entre felicidade e lucro. Os conceitos não são excludentes, mas sim complementares. Inteligente daquele que souber aproveitar o tempo que a vida lhe oferece. Diferenciado daquele que

conseguir extrair do passado aprendizados que orientem e melhorem o tempo presente. Sorte daquele que fizer do seu trabalho, uma fonte de prazer, aprendizado, crescimento e realização. Feliz daquele que conseguir romper as amarras e abdicar de modelos extemporâneos e ultrapassados de gestão. Iluminado daquele que superar trabalhos fragmentados, empobrecidos de sentido e criação, além de exercidos sob uma mesmice insuportável e entediante.

No mundo do trabalho, que haja força para se livrar daquilo que Max Weber atribui como *jaula organizacional* que, além de racionalizar o uso do tempo, aprisiona corações e mentes. Privilegiado daquele que visualizar o futuro como uma âncora de esperança. Sábio daquele que conseguir atribuir sentido a vida e que ocorra, conforme afirma Morin (2006), uma ruptura com o determinismo banal. Oxalá que agindo dessa forma, mesmo que temporariamente, a utopia e o sonho sejam considerados. Freire não demonstra nenhum constrangimento ao tratar de ambos os sentimentos (utopia e sonho). Freire assume um caminho oposto. Na contramão do determinismo e das ideologias fatalistas, Freire, com sua proposta pedagógica, propõe uma nova sistematização sobre o entendimento dos fenômenos da vida e insiste na tese que pensar o mundo é saber julgá-lo. Pensar o mundo é expressar juízos. E a expressão desses juízos pode ocorrer com certo adollescere. Não um adollescere irresponsável, mas com a devida clareza que ajude a entender a utilização do tempo; tempo este que se mistura e se caracteriza como vida. Talvez ninguém tenha feito consideração sobre a utopia com um propósito tão especial e tamanha elegância como ele. Sobre a utopia e simultaneamente corroborando com Morin, Freire argumenta que:

Nunca falo da utopia como uma impossibilidade que, às vezes, pode dar certo. Menos ainda, jamais falo da utopia como refúgio dos que não atuam ou [como] inalcançável pronúncia de quem apenas devaneia. Falo da utopia, pelo contrário, como necessidade fundamental do ser humano. Faz parte de sua natureza, histórica e socialmente constituindo-se, que homens e mulheres não prescindam, em condições normais, do sonho e da utopia. As ideologias fatalistas são, por isso mesmo, negadoras das gentes, das mulheres e dos homens. Seres programados para aprender e que necessitam do amanhã como o peixe da água, mulheres e homens se tornam seres “roubados” se se-lhes nega a condição de partícipes da produção do amanhã. Todo amanhã, porém, sobre que se pensa e para cuja realização se luta implica necessariamente o sonho e a

utopia. Não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem utopia, sem esperança, sem o trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizem a sua concretização. É nesse sentido que tenho dito em diferentes ocasiões que sou esperançoso não por teimosia, mas por imperativo existencial. É aí também que radica o ímpeto com que luto contra todo fatalismo. (Freire, 2001, pags. 85 e 86).

Sobre o sonho, Freire também expressa seu sentimento. Nada melhor do que saborear o seguinte poema:

Guardo em mim, clara, precisa, a memória de idos dias – manhãs escuras, tardes frias, noites de inquietação e de medo.

Medo de dormir – medo maior, de acordar perdido, repetido, nas manhãs escuras, nas tardes frias. Mas quando em mim também, clara, precisa, a memória de outros dias – manhãs límpidas, tardes amenas, noites de alegria. Sono tranquilo. Risos no sonho, palavras no sonho, olhos de sonho no sonho.

Naquelas noites sem medo, dormir ou não dormir era a mesma forma de sonhar. Paulo Freire (Freire, 2001, pags. 85 e 86).

Fica então a expectativa de que possa existir mais solicitude entre as pessoas. E que dessa solicitude, encontremos tempo e a coragem necessária para construir um mundo não só mais humano como também mais hospitaleiro para a humanidade. O fato objetivo é que caberá às novas gerações o compromisso e a responsabilidade de eliminar os escombros e minimizar as cisões e validar estas premissas. Sennett (2005) afirma que “tempo é o único recurso que os que estão no fundo da sociedade têm de graça”. O fato de ser de graça não significa que deva ser desperdiçado. O sentimento que fica é que a sociedade-mundo não irá esmorecer e nos cobrará esta postura.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CYRULNIK, Boris; MORIN, Edgar. **Diálogo sobre a natureza humana**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Palas Athena, 2012.
- DAMÁSIO, Antonio R.. **E o cérebro criou o homem**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Organização de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: UNESP, 2001.
- GIANNETTI, Eduardo. **O valor do amanhã ensaios sobre a natureza dos juros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GOLEMAN, Daniel. **Foco: a atenção e seu papel fundamental para o sucesso**. Tradução de Cássia Zanon. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- GRÜN, Anselm; ASSLÄNDER, Friedrich. **Administração espiritual do tempo**. Tradução de Paulo F. Valério. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- HONORÉ, Carl. **Devagar**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- Jornal Folha de São Paulo, edição São Paulo do dia 15/03/2015.
- Jornal Folha de São Paulo, edição São Paulo do dia 01/03/2015.
- Jornal Folha de São Paulo, edição São Paulo do dia 29/06/2014.
- MORACE, Francesco. **O que é futuro?** Tradução de Simone Bueno da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013.
- MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013
- MORIN, Edgar. **Para onde vai o mundo?** Tradução de Francisco Morás. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- MORIN, Edgar; MOTTA, Raul; CIURANA, Emilio Roger. **Educar para a era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e incerteza humana**. Tradução de Sérgio Pereira. Lisboa: Éditions Balland, 2003.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Reengenharia do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

Revista Você S/A. Edição 201. Março 2015.

Revista Época Negócios. Ano 4. Outubro 2010. N. 44

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ULRICH, Dave; ULRICH, Wendy. **Por que trabalhamos: como grandes líderes constroem organizações comprometidas que vencem**. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Bookman, 2011.